

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

A Cinemateca com o Doc's Kingdom

26 de Dezembro de 2025

SANRIZUKA: DAINI TORIDE NO HITOBITO / 1971

“Sanrizuka – Camponeses da Segunda Fortaleza”

um filme de Coletivo Ogawa

Realização, argumento: Shinsuke Ogawa / Fotografia: Masaki Tamura / Som: Koichi Asanuma / Produção: Ogawa Productions / Equipa de produção: Haruo Nosaka, Toshio Lizuka, Nobuyuki Kikuchi / Cópia: em DCP, preto e branco, versão original legendada em inglês e electronicamente em português / Título inglês: “Narita: The Peasants of the Second Fortress” / Estreia mundial: Japão / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca.

Em “Toward a Theory of Ogawa Shinsuke’s Filmmaking”, texto publicado em 2002 na revista *Documentary Box* nº 19 (ed. Festival Internacional de Cinema Documental de Yamagata) e republicado em “Histórias Mínimas do Documentário Japonês Contemporâneo” (ed. Doclisboa 2006), o crítico de cinema Ueno Koshi chama a atenção para alguns aspectos de **Assatsu no Mori** (1967) [**Assatsu No Mori – Takasaki Keizai Daigaku Toso No Kiroku / “Floresta da Opressão – um Registo da Luta na Universidade de Economia da Cidade de Takasaki”**], segundo filme de Shinsuke Ogawa: “não o vi como se de um filme se tratasse, para mim era um registo da luta estudantil numa pequena universidade do interior, a Universidade de Economia da Cidade de Takasaki. Na realidade quando escrevi sobre esse filme na secção de eventos culturais do *Garô*, afirmei que este era matéria de pensamento sobre o estado presente da luta estudantil, e não o analisei como sendo um filme. Certamente essa opinião deve-se ao facto de me ter sentido fortemente atraído pelas imagens dos estudantes que surgem no filme. Tal não sucedeu apenas com **Assatsu no Mori**, mas também com **Gennin Hokokusho** (“**A Report from Haneda**”, 1967). Mesmo quando vi a série sobre Sanrizuka, começando por **Nihon Kaiho Sensen-Sanrizuka no Natsu** (“**Summer in Narita**”, 1968) apenas pensei nessas obras como se fossem um registo das manifestações de Sanrizuka, e não obras de cinema. Claro que nessa altura já tinha ouvido falar de Shinsuke Ogawa e sabia da existência das Produções Ogawa (...) Isso aconteceu porque me encontrava a viver o final dos anos 60, num tempo de luta (a revolução de 1968) e porque os filmes de Ogawa me transmitiam a atmosfera que se vivia na linha da frente dos protestos. Acima de tudo, os filmes de Shinsuke Ogawa eram espectaculares. Mesmo actualmente quando são valorizados como obras cinematográficas, os filmes de Shinsuke Ogawa continuam a ser espectaculares. Não o sentíamos na altura, não porque existisse algum problema com a forma como o realizador filmava ou montava, mas sim pelo modo como apresentava as imagens da própria luta.”

Ueno Koshi chama a atenção para um conjunto de características do cinema de Ogawa que se manteriam constantes, mesmo quando em 1968 assume o colectivo. As lutas

estudantis do final dos anos sessenta no Japão representaram o culminar de protestos com elevado nível de organização, e Ogawa associou-se aos estudantes para registar a sua luta a partir do interior das barricadas, como vemos nesse filme, que acompanha os momentos de confronto propriamente dito, mas também documenta a natureza das discussões de ordem política e o modo de organização estudantil, que funcionam assim como antecipação e contraponto aos violentos combates dos estudantes com as autoridades policiais.

O mesmo sucede nos filmes seguintes entre eles este **Sanrizuka: Daini Toride No Hitobito** / **“Sanrizuka – Camponeses da Segunda Fortaleza”**, que faz parte de uma “série” dedicada já não aos protestos estudantis, mas aos protestos contra a construção do aeroporto de Narita, por parte dos camponeses da região. Será o quarto de uma série de sete documentários filmados entre 1968 e 1977 nos campos de Sanrizuka. Desde 1968 que o trabalho de Ogawa se realizava no registo assumidamente colectivo das Produções Ogawa, que se deslocaram para Sanrizuka, onde seria construído o aeroporto. Daí surgiria um primeiro filme **“A Frente de Batalha pela Libertação do Japão – Verão em Sanrizuka”** e intensificar-se-ia a militância do grupo e o alcance dos seus filmes. Como se afirma no início de **Sanrizuka: Daini Toride No Hitobito**, “O desenvolvimento do Japão está a ser conseguido com inúmeros sacrifícios humanos. A história do desenvolvimento é a história de camponeses expulsos das suas quintas, pescadores desprovidos das suas zonas de pesca, e outras pessoas em sofrimento, cujas vidas foram arruinadas em prol do ‘progresso’.” Frase que revela bem os propósitos de um filme, que acompanha de perto a luta dos camponeses que em Sanrizuka, zona rural na prefeitura de Chiba, situada a 50 Km a este de Tóquio, se opuseram à cedência das suas terras para a construção de um aeroporto (que em 1978 foi mesmo inaugurado).

Como confirmam os testemunhos, em 1966 o governo japonês decidiu construir o novo aeroporto em Sanrizuka, sem consultar ou informar os camponeses desta decisão. E se muitos venderam as suas terras, mesmo com relutância, outros opuseram-se e lutaram durante cinco anos até ao avanço das expropriações forçadas. Escavaram túneis nos seus campos e construíram fortalezas, preparando-se para uma luta armada. Com eles estiveram os membros das produções Ogawa, que se envolveram de corpo e alma no filme, participando da realidade retratada. Os cineastas registam os violentos confrontos, bem como os motivos da resistência, a raiva, medo e esperança, expressos pelos próprios camponeses. Entre as “batalhas campais” e as conversas com os agricultores, é possível perceber a forte relação que o coletivo estabeleceu com as populações locais. Depois de uma série de filmes que tiveram uma recepção discreta, este foi o primeiro grande sucesso da produtora.

Após o esgotamento dos protestos de Sanrizuka, Ogawa e os seus colegas dedicaram a um projecto igualmente ambicioso (que intuímos no final deste filme), mudando-se para a província de Yamagata e iniciando uma série de filmes centrados na aldeia rural de Magino, onde passam a viver e a trabalhar lado a lado com os agricultores, que filmaram a cultivar arroz. Filmes que compõem mais um retrato surpreendente de um modo de vida verdadeiramente partilhado.

Joana Ascensão